

MORFOLOGIA E LÉXICO NA TEORIA GERATIVA PADRÃO

Fabiana Gervazoni ROCHA

RESUMO: *Ao tratarmos dos estudos sobre Morfologia e Léxico, sobretudo com base na proposta de Aronoff e Anshen (1998), para quem conhecer uma lista de palavras não seria suficiente para pôr a língua, a qual falamos, em uso, mas juntamente entender o papel que ela desempenha dentro de uma regra morfológica. Neste texto, vamos delinear as noções básicas do modelo gerativista na morfologia e no léxico e sua aplicação em outras línguas.*

PALAVRAS-CHAVE: *Morfologia; Léxico; Interface; Gerativismo clássico.*

INTRODUÇÃO

Ao tratarmos dos estudos sobre Morfologia e Léxico, sobretudo com base na proposta de Aronoff e Anshen (1998), podemos destacar que estes se baseiam no gerativismo, uma vez que esse paradigma teórico aborda, especificamente, um novo rumo para os estudos linguísticos e morfológicos ao postular que a competência de um falante em relação ao léxico de sua língua possibilita que o falante nativo reconheça as palavras de seu próprio idioma, rejeite outras, saiba relacionar os itens lexicais e/ou perceber a estrutura de um vocábulo. Assim, nesse modelo, os estudiosos trabalham com as regras de formação de palavras e não mais com a descrição e classificação de morfemas, como no estruturalismo.

Partindo deste pressuposto, vários autores também seguem essa ideia, isto é, consideram a morfologia e o léxico interdependentes, pois a morfologia cria palavras que vão gerar novas bases no próprio léxico, de modo que o léxico vai se beneficiar dos princípios que o estruturam, princípios esses delineados em teorias morfológicas. Por exemplo, Aronoff & Anshen (1998), abordam a regra de formação de palavras a partir da junção de competência lexical e produtividade com potencial de formação.

Ademais, quanto a estrutura das palavras, é certo dizer que os falantes têm conhecimento de duas coisas: da existência de uma lista de palavras, isto é, o léxico mental, e que também essas mesmas “listas” precisam de regras de estrutura para formar novos itens, isto é, os aspectos morfológicos.

Em síntese, podemos dizer que, nessa perspectiva, há em um espaço na mente, em que há palavras guardadas que vagamente lembramos ou aquelas que são usadas com mais frequências do que outras; ou até mesmo palavras que podem fazer parte do vocabulário de um falante e não constar no do outro. Por isso, conhecer uma lista de palavras não seria suficiente para pôr a língua, a qual falamos, em uso, mas juntamente entender o papel que ela desempenha dentro de uma regra morfológica. A seguir, vamos delinear as noções básicas do modelo gerativista na morfologia e no léxico e sua aplicação em outras línguas.

MORFOLOGIA E O LÉXICO: CONCEITOS BÁSICOS

A morfologia surge dentro de um componente lexical, não como um componente de uma mera lista de entradas lexicais, mas componente estruturado, pois o falante nativo tem a capacidade para entender as estruturas e a partir dela criar novas palavras.

Aronoff & Anshen (1998) explicam que a morfologia lida principalmente “com a estrutura interna das palavras potenciais de uma língua” (ARONOFF; ANSHEN, p. 237), isto é, palavras existentes de uma combinação das listas lexicais com as regras de formação de palavras.

Morfologia e léxico na teoria gerativa padrão

O conceito mais comum sobre Léxico diz respeito a um conjunto de palavras que existem na língua, itens que um falante precisa conhecer, e tem que estocar, por serem signos arbitrários, idiossincráticos e, muitas vezes, imprevisíveis. Muitos dos itens dessa lista são palavras, embora o léxico também contenha unidades maiores, como expressões idiomáticas (“trocar as pernas”), lexemas (CORRER) e unidades lexicais (“luz”) ou até mesmo unidades menores, como os afixos, por exemplo, o sufixo *-ção* é utilizado para formar um nome a partir de um verbo; *-mente* pode ser utilizado para formar um advérbio a partir de um adjetivo. Logo, podemos assim chamá-los de entradas lexicais, porque a competência vai abarcar tanto a listagem do léxico, quanto o reconhecimento das unidades mínimas morfológicas.

Embora os sistemas morfológicos e lexicais apresentem divergência, uma vez que a morfologia lida apenas com palavras potenciais e o léxico tem como foco palavras que existem e que estão listadas no dicionário mental do falante, é possível observar que os dois têm muito em comum, ou seja, ambos fornecem palavras e exploram, separadamente, a interdependência dessas relações. Cada uma delas adota a forma mais propícia para dispor elementos a inserir na formação de palavras e que passará a fazer parte do vocabulário do usuário nativo da língua.

Por exemplo, na palavra ‘desaplaudida’, o significado pode ser previsto por uma analogia, ou seja, “deixar de aplaudir alguém do sexo feminino”. No entanto, por mais que haja um contexto específico para desvendar o significado da palavra, não há nenhuma estrutura morfológica que leve a prever o seu significado por toda uma comunidade linguística. Quando alguém que ouve essa palavra, mesmo em um contexto em que seu sentido é claro, deve inseri-lo na memória, a fim de usar novamente, para então fazer parte do léxico mental do ouvinte.

Da mesma forma, uma palavra morfológicamente complexa deve ser colocada no léxico se uma parte dela é desconhecida do ouvinte. Por exemplo, a palavra inglesa ‘*hornwoggle*’, em que ‘*horns*’ é reconhecível, mas o outro componente, ‘*woggle*’, não é, de modo que se o indivíduo quiser reutilizar a palavra no mesmo sentido, deve memorizá-la e aplicá-la no contexto em que se ouviu apenas. Infere-se que para entender o sentido de uma palavra, é necessário conhecer os elementos que a constituem, como as bases que estão presentes na sua formação.

Nas considerações sobre Léxico e Morfologia Lexical, Basílio (1980, p. 03), ressalta o papel relevante desses estudos que, para a autora, a são “mais do que um conjunto de formas”, portanto, o léxico é um sistema que contém e (re)produz formas na medida de nossas necessidades de representação conceitual e construção de enunciados para fins de comunicação.

Vale ressaltar também os padrões regulares e irregulares como mecanismos distintos na formação e no processamento de palavras. Para os padrões regulares de formação com base em morfemas, está implícita uma noção de que o significado das palavras seja composicional. Nesse sentido, os morfemas são separados e combinados com o intuito de formar palavras. Como unidade portadora de sentido, o morfema agrega traços específicos ligando-se automaticamente ao significado; por outro lado, esse tipo de relação direta entre a forma e o significado nem sempre ocorre com muitas palavras complexas. Por exemplo, ‘lavadeira’ pode se referir a um inseto, mais particularmente a uma libélula, deixando de ter leitura composicional.

Quanto aos padrões irregulares, considerando a ocorrência no contexto, eles são imprevisíveis. O léxico deve conter, pelo menos, todas as informações que não são previsíveis a partir de regras gerais, ou seja, devem ser incorporadas no léxico para serem lembradas. Aparecendo também os usos imprevisíveis das palavras que se dão em ocorrências diferentes, originando fenômenos morfossintáticos, de língua a dialeto, como é o caso, por exemplo, da flexão verbal, com paradigmas de número-pessoa que variam muito nas dimensões social e geográfica.

Já a criatividade linguística dos indivíduos decorre das escolhas lexicais, decidindo (inconscientemente) quais expressões e com que traços as motivações linguísticas podem ser satisfeitas. Isso evidencia que o conjunto de palavras em uma língua nunca é fixo, pois os falantes têm a capacidade de criar, de modo que os ouvintes possam entender, a fim de gerar um número

quase ilimitado de novas palavras. Na próxima seção, trataremos das contribuições do modelo gerativista de Aronoff & Anshen e Basílio para a descrição morfológica desses padrões lexicais.

PRINCIPAIS LEGADOS DO MODELO GERATIVISTA PARA A DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DAS LÍNGUAS NATURAIS

O objetivo da morfologia de base gerativa é explicar o conhecimento linguístico que um falante nativo tem acerca do léxico de sua língua. Os estudiosos desse modelo destacam as contribuições da morfologia e do léxico para este paradigma teórico, que é o gerativismo.

Aronoff & Anshen (1998) destacam quatro contribuições: as regras de formações de palavras; potencial de formação, ou seja, a produtividade; caracterização morfológica das bases e a listagem das formas no léxico.

Quanto ao potencial de formação, os autores analisam a produtividade através da competência lexical, isto é, uma regra é produtiva se ela estiver ativa, hoje, na língua e o falante, a partir da regra, pode gerar novos itens lexicais. Como vimos no Capítulo 2, *-itude* é um sufixo improdutivo, pois está inativo, não servindo a novas formações.

Já na caracterização morfológica das bases, tomemos como exemplo a presença dos sufixos *-idade*, e *-eza*, ambos formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos. Porém, o sufixo *-idade* é mais produtivo em bases derivadas, como ‘habilidade’, ‘futilidade’; sufixo *-eza*, por sua vez, é mais produtivo em bases primitivas, como ‘avareza’ (BASILIO, 1980, p.29). Uma análise sobre *-itude* foi apresentada no capítulo anterior.

Além disso, observa-se que na confecção do léxico, as formas regulares não devem ser listadas, pois são previsíveis. Dessa forma, o mesmo é somente lugar para as idiosincrasias. Tal tradição atinge a formulação mais eloquente em Di Sciullo & Williams (1987, p. 3), segundo os quais:

Se concebido como o grupo de listemas, o léxico é incrivelmente tedioso por sua própria natureza. Ele contém objetos que não são de um único tipo especificável (palavras, SVs, morfemas, talvez padrões entoacionais, entre outros), e esses objetos estão lá porque falham em conformar-se a regras interessantes. O léxico é como uma prisão – contém somente os fora-da-lei, e a única coisa que seus habitantes têm em comum é a condição de fora-da-lei.

Outro indicativo de que regras morfológicas operam sobre palavras no léxico é a herança da irregularidade. O tipo mais comum de irregularidade herdada é a semântica. Entradas complexas geralmente possuem sentidos convencionais que diferem de seu sentido pré-concebido. Bom exemplo de irregularidade herdada aparece em Basílio (2004), em que a autora mostra a sistemática lexicalização de *-inho* e *-ão*, em que remanesce a ideia de tamanho: ‘filhinho’, ‘amorzinho’, ‘calçadão’, ‘mulherão’, entre outros.

Segundo Basílio (1980), o conhecimento morfológico dos falantes origina-se de um conjunto de entradas lexicais; regras construídas a partir das relações que o falante estabelece. Com relação ao conjunto de regras, a autora destaca que existem regras de análise estrutural, que permitem ao falante a análise da estrutura da palavra de sua própria língua. Dessa forma, o falante sabe que as palavras ‘doceiro’ e ‘joalheiro’ são formadas a partir de um substantivo + um sufixo *-eiro*, cujo significado é um agente representado pela sua base, ou seja, ‘doce’ e ‘joia’. Logo, o conhecimento internalizado dessas regras facilita a aquisição dos itens lexicais.

A autora também menciona que existem as regras de formação de palavras, de caráter produtivo que permite ao indivíduo criar novos itens lexicais. Segundo a autora, as regras de formação de palavras estão associadas a uma análise estrutural, pois o falante consegue abarcar os dois aspectos da competência lexical, ou seja, ele é capaz de reconhecer as estruturas lexicais e a estrutura morfológica e com isso criar novas palavras na língua, como ‘dogueiro’ e ‘chapeiro’, apontadas por Gonçalves (2016).

Morfologia e léxico na teoria gerativa padrão

Assim, ao invés de memorizar listas de radicais, prefixos e sufixos, muitos dos quais não são mais reconhecidos, o locutor estaria em contato com uma morfologia de base sincrônica e entenderia que ele pode criar palavras e, também, pode encontrar, nos textos com os quais se depara, novas formações.

Outro ponto importante é saber por que certas palavras são formadas e outras não. Além da produtividade das regras lexicais, existem, também, as chamadas condições de produção (BASILIO, 1990). Assim, uma palavra pode não ser formada porque já existe outra, a partir da mesma base a partir de elemento mórfico concorrente – o chamado Bloqueio (ARONOFF, 1976), como vimos no capítulo precedente.

Dentre os tópicos em evidência por Aronoff & Anshen (1998) se configuram os padrões morfológicos que quando usados para criar novas palavras são chamados de produtivos, como os padrões derivacionais e flexionais, frequentemente produtivos. Isso pode ser ilustrado pelos sufixos derivacionais do inglês, o *-ity* e o *-ness*; e no português as formações construídas pelos sufixos *-eiro* e *-ada*, os quais possuem alto teor de produtividade.

Afim de evitar uma redundância morfológica, o modelo gerativo clássico não define o significado de morfema e não diferencia as palavras das raízes, por isso não se sabe diferenciar determinada estrutura da base, pois elas estão indissociáveis de tal maneira que não há a possibilidade de distinção para determinar a classe real das palavras.

Na maioria dos casos, contudo, o falante usará uma palavra a partir de seu léxico ao invés de recorrer à morfologia para produzir uma nova palavra com o mesmo significado. Segundo Aronoff & Anshen, esse fenômeno, “(...) a não ocorrência de um item devido a simples existência de um outro” (ARONOFF e ANSHEN, 1998, p.239), é chamado de bloqueio, e seus efeitos podem ser vistos não somente na flexão, mas também na derivação: uma palavra como ‘desmorreu’, por exemplo, formada por ‘des’ e ‘morreu’, será bloqueada por ‘ressuscitar’, que já existe no léxico de um falante. Podemos dizer que o fenômeno do bloqueio torna ‘desmorreu’ inaceitável, porque outra palavra [ressuscitou] com o mesmo sentido, adequada a um mesmo contexto, é previsível, e já existe estocada na mente do falante/ouvinte, que a aciona para uso.

APLICAÇÃO DO MODELO AOS DADOS NO PORTUGUÊS

Quando aplicamos as propostas de Aronoff & Anshen (1998) aos dados da nossa língua, podemos perceber que somente a organização e a estrutura não dão conta das necessidades cognitivas de armazenagem. Por exemplo, em uma entrada como ‘pé-de-moleque’, tanto ‘pé’ quanto ‘de’ e ‘moleque’ são familiares, mas o significado da entrada completa não tem nada a ver com o significado de suas partes. Até mesmo aqui o falante/ouvinte precisa fazer uso do estoque lexical a fim de reusar a palavra. Assim, se uma palavra não é previsível a partir de seus pedaços constituintes, deve ser estocada no léxico.

Por contraste, considere a entrada ‘nacionalização’, de circulação em variadas comunidades de fala pelo Brasil. A sua leitura pode ser deduzida a partir de sua estrutura, a partir dos pedaços menores que a compõem. A soma desses pedaços é capaz de se agrupar de tal maneira para formar um todo semântico, podendo ser desmontada em partes menores, mas que englobam um mesmo espectro semântico; se retirarmos *-ização*, por exemplo, o restante, ‘nacional’, ainda assim preserva um traço semântico contido em ‘nacionalização’, a entrada completa. Para capturar o significado de uma entrada como ‘comercialização’, o falante empreenderá esforços morfológicos parecidos com aqueles que utiliza para a entrada ‘nacionalização’, por exemplo. Nesses termos, a morfologia é acionada.

Sendo o sentido real de uma palavra não divergente de seu sentido previsível, deduzido a partir de seus pedaços componentes dados por sua morfologia, não há necessidade de essa palavra ser listada no léxico como se ela fosse estranha ou idiossincrática. Se dissermos que o

falante nunca tenha ouvido antes a palavra ‘nacionalização], mas já tenha estocado no léxico a palavra ‘nacional’, ele pode assumir um significado para a palavra ‘nacionalização’, já que o componente morfológico da gramática do ouvinte está apto a processá-la inteiramente. Assim, essa entrada está pronta para entrar no léxico.

O mesmo pode ser dito a respeito dos verbos irregulares do português. Uma pessoa que sabe que o passado de ‘fazer’ é ‘fiz’ não dirá ‘fazi’, embora uma criança ou alguém nos primeiros estágios de aquisição do português como segunda língua possa dizer ‘fazi’ porque a criança ou o estudante não tenha aprendido ainda a forma irregular ‘fiz’. Assim, o léxico e morfologia juntam suas forças para garantir que uma forma seja usada, e a outra nem faça parte da gramática do falante.

Na maioria dos casos, contudo, o falante usará uma palavra a partir de seu léxico ao invés de recorrer à morfologia para produzir uma nova palavra. Por exemplo, podemos ver que ‘desmatou’ é estruturalmente análoga a ‘desmorreu’, e a primeira é perfeitamente aceita, por não haver supostamente uma outra palavra para bloqueá-la. Obviamente, estão em jogo, nesse uso, questões como homonímia e polissemia, mas estas não são sequer mencionadas nos primeiros estudos de morfologia gerativa.

Não encontramos esse mesmo fenômeno em, por exemplo, ‘homem da vida’, sintagma usado no português num significado paralelo a ‘mulher da vida’, porém ele é semanticamente inaceitável, por causa da existência de sinônimos como prostituto/garoto de programa. Como o exemplo demonstra, a sinonímia exata, fenômeno raro numa língua natural, é crucial para a expressão ‘homem da vida] que de fato pode ser usada.

Outro exemplo importante é o uso do sufixo *-eiro*, como mencionado anteriormente, é o sufixo mais polissêmico da língua portuguesa e com alto teor de produtividade; a título de exemplificação tem-se ‘coqueiro’, ‘sapateiro’, ‘cinzeiro’, ‘verdadeiro’, entre outros.

Por fim, a palavra ‘férias’ não significa uma extensão no plural de ‘féria’ porque essa palavra se refere, dentre outros sentidos, segundo dicionário “dia semanal, jornal ou salário de trabalhadores”; enquanto a primeira significa, dentre outras coisas, “dias em que se suspende o trabalho para descanso”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse conjunto de informações relacionados à morfologia e ao léxico, no que se refere à formação de palavras no âmbito da teoria gerativa clássica, há de se ressaltar que o conteúdo do léxico é importante para qualquer teoria da morfologia, uma vez que o léxico é fundamental para o entendimento morfológico, e nele estão as bases para que qualquer regra morfológica seja aplicada. Além disso, conhecer uma lista de palavras não atende às exigências para uso eficaz da língua; são necessárias combinações várias para a escolha de uma palavra a ser acionada no léxico mental e para a formação de palavras que, posteriormente, serão ou não armazenadas no léxico do indivíduo.

Referências Bibliográficas

ARONOFF, Mark; ANSHEN, Frank. Morphology and the Lexicon: Lexicalization and Productivity. In: Spencer, Andrew; Arnold M. Zwicky. The Handbook of Morphology. Blackwell Publishing, 2001, p. 237-247.

BASILIO, Margarida. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 6, número 2, dezembro de 2010.

BASÍLIO, Margarida. Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa. Petrópolis

ORSI, Vivian. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S.. (Orgs.). *Ciências da Linguagem: o fazer científico?* Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 163-177.

MORPHOLOGY AND LEXICON IN STANDARD GENERATIVE THEORY

ABSTRACT: *When dealing with studies on Morphology and Lexicon, especially based on the proposal by Aronoff and Anshen (1998), for those who know a list of words would not be enough to put the language we speak into use, but together to understand the role it plays within a morphological rule. In this text, we will outline the basic notions of the generativist model in morphology and lexicon and its application in other languages.*

KEYWORDS: *Morphology; Lexicon; Interface; Classic generativism.*